Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina
ISBN: 978-85-7205-159-0

Alianças cosmopolíticas entre os *Mbyá Guarani* do Brasil e Argentina: relações político-culturais no contexto de Autodemarcação da Terra Indígena *Tekoá Mirim*

Fábio do Espírito Santo Martins.
Doutorando do PPGCS da UNESP/FCL Araraquara - SP.
epiritomartins@bol.com.br

Resumo
Este trabalho propõe evidenciar o processo de luta dos *Mbyá Guarani* no contexto de autodemarcação da Terra Indígena *Tekoá Mirim,* e como inseridos nele, os *Mbyá* mantém o seu *Nhanderekó* (o modo próprio de "estar"). Assim, além da afirmação de um contexto de distinção étnico cultural no processo de ocupação desta Terra Indígena, alguns procedimentos e técnicas culturais explicitam a agência indígena na concretização de articulações políticas entre eles e outras *Tekoá*, que não necessariamente aquelas que os circunscrevem no litoral sul paulista, mas sim, com as aldeias *Mbyá* localizadas ao norte da Argentina. Deixando evidente, o que há muito já havia sido destacado por Lévi-Strauss, isto é, a existência de um fluxo de trocas de conhecimentos ("bens" subjetivos) e indivíduos, para o estabelecimento de alianças políticas. Desta forma, os *Mbyá* lutam para materializar melhores condições de criação e recriação do seu *Nhanderekó*; o que amplia as possibilidades à existência das futuras gerações, esta sim, a preocupação fundamental dos mais velhos.
Palavras chave: cosmopolítica, autodemarcação de Terra Indígena, protagonismo *Mbyá* Guarani.

Cosmopolítica alianzas entre los Mbyá Guaraní de Brasil y Argentina, las relaciones políticas y culturales en el contexto de la auto-demarcación de la Tierra Indígena Tekoa Mirim

Resumen
Este trabajo propone poner de relieve el proceso de lucha de los Mbyá Guarani en el contexto de la auto-demarcación de la Tierra Indígena tekoa Mirim y la forma en que entró en el Mbyá conserva su Nhanderekó (la misma manera de "ser"). Por lo tanto, además de establecer un contexto de distinción étnica cultural en el proceso de ocupación de las tierras indígenas, algunos procedimientos y técnicas de cultivo explican la agencia indígena en el logro de los discursos políticos entre ellos y otra Tecoa, no necesariamente los que circunscriben la costa sur Sao Paulo, pero con los pueblos ubicados Mbya norte de Argentina. Dejando claro lo largo había sido puesto de relieve por Levi-Strauss, es decir, la existencia de un flujo de intercambio de conocimientos ("bienes" subjetivos) y particulares para el establecimiento de alianzas políticas. Por lo tanto, los Mbyá lucha para materializar mejores condiciones para la creación y recreación de su Nhanderekó; que amplía las posibilidades de la existencia de las generaciones futuras, eso sí, la preocupación fundamental de los ancianos.
Palabras clave: cosmopolítica, auto-demarcación de las tierras indígenas, papel Mbyá Guaraní.

1 Introdução.

A predileção dos *Mbyá* por fixar-se no território compreendido pela Serra do Mar se justifica por aspectos socioculturais que se interpenetram a sua cosmologia, principalmente, encontrando fundamento no mito da "*Terra sem Males"* (*Yvÿ Pyaú*), como foi registrado por Clastres (1978). Assim como também, por fatores pragmáticos, relativos a práxis destes indígenas em suas relações com a espacialidade que ocupam. Desta forma, ambos os contextos corroboram por justificar a preferência pelas

ISBN: 978-85-7205-159-0

regiões serranas do litoral. Por isso, "quando os Mbyá definem a Serra do Mar como "terra boa" (*tekoa porã*), isso significa que ali ainda é possível reproduzir as normas tradicionais em termos do uso da terra e da relação com os parentes". (LADEIRA, 1988, p.24). Portanto, de acordo com as afirmações desta autora (1988): "A escolha do lugar não é gratuita: ela segue a tradição, seja ela histórica e/ou cosmológica".

Neste sentido, propõe-se pôr em evidência a luta de autodemarcação da Terra Indígena (TI) *Tekoá Mirim*, já que devido a sua localização no interior do Parque Estadual da Serra do Mar (PESM), uma Unidade de Conservação (UC), foi causada como consequência aos *Mbyá* que a habitam, que diferentes instâncias do poder público passassem a considerá-los como invasores. E mais, corroborou para que os órgãos de proteção ambiental, sobretudo, a Secretaria Estadual do Meio Ambiente de São Paulo (SEMA – SP), assumisse a postura de compreender a permanência indígena na *Tekoá Mirim* contrária ao *"corpus"* legal que legisla sobre a ocupação humana nas UC ambientais. E, portanto, iniciasse uma articulação político-administrativa para impossibilitá-la, sem considerar que esta permanência remonta a uma posse secular, que está assegurada pela concretização sócioespacial de seu modo de vida, culturalmente peculiar, ou seja, de seu *Nhanderekó*; completamente ignorado pelas representatividades do Estado brasileiro. Então, pretende-se dar visibilidade às motivações sociocosmológicas, culturais, portanto, que justificam a ocupação espacial dos *Mbyá* Guarani, além de problematizar os processos etnohistóricos que legitimam a autenticidade da retomada do território em questão.

Deste modo, a análise etnográfica demonstra o complexo processo de construção de uma nova *Opy'i* (Casa de Rezas) a partir do trabalho coletivo desta comunidade. Assim, esta construção significa também, a construção do fortalecimento da percepção sobre alguns postulados cosmológicos e socioculturais que fortalecem os *Mbyá* para o enfrentamento das múltiplas dificuldades que a sociedade envolvente lhes impõe. Já, textualmente, neste trabalho, ela assume a prerrogativa de concretizar-se enquanto uma alusão, que contribui para refinar a apreensão de algumas outras "construções" que são realizadas por eles na realidade contemporânea em que se encontram inseridos, ou seja, a condição de interlocutores que conscientemente assumem e manipulam, diante de um inevitável e assimétrico contexto de contato com a sociedade envolvente. Construções estas, que colocam em evidência a agência, isto é, o protagonismo político que os *Mbyá* assumem frente aos referidos conflitos.

2 Complexidades culturais *Mbyá Guarani* no processo de construção da *Opy'i* (Casa de Rezas) na *Tekoá Mirim*: uma etnografia.

ISBN: 978-85-7205-159-0

Ao longo do desenvolvimento da etnografia realizada, foi concretizada uma experiência capaz de potencializar o entendimento etnológico junto aos *Mbyá* da *Tekoá Mirim*. Tratou-se, da possibilidade de ter acompanhado e participado de alguns dos complexos processos cosmológicos e socioculturais, que, derivados de uma perspectiva dialética que os *Mbyá* possuem em relação a sua cultura, circunscrevem e são circunscritos pelas dinâmicas que envolveram a construção de uma nova *Opy'i*, isto é, uma Casa de Rezas. Processo sociocultural este, que além de expressar uma sofisticada percepção estética e de funcionalidade sustentável quando arquitetonicamente compreendida, transcende os engenhosos aspectos físicos da construção propriamente dita, pois, a *Opy'i* se caracteriza como o centro cosmológico daquela população. Sendo possível ouvir entre os *Mbyá*, de que em algumas aldeias não há *Xeramo'i* (o xamã), mas, é muito pouco provável que se encontre alguma aldeia sem *Opy'i*. Sua utilização é variável em relação a diferentes contextos, mas a sua construção envolve esforços "amplificados" da comunidade que a utiliza. Sendo que a compreensão que executam sobre ela, está sempre relacionada a uma função de proteção coletiva, estando associada à figura de um dirigente ou não.

Neste sentido, uma *Opy'i* nunca deixa de ser um ponto de convergência daqueles que buscam algum tipo de proteção de origem divina. Então, costuma se encaminhar a ela, por exemplo, aqueles que pretendem fazer uma viagem em breve, ou quem se encontra em uma situação que envolve maior risco à saúde. Mas, não apenas a eles se caracteriza o acolhimento que a Casa de Rezas propicia. De forma ideal, qualquer *Opy'i* mantém-se aberta a todos que desejem frequentá-la, para quem se disponha a vir fumar o *Petynguá*, sentar-se, cantar sozinho à *Nhanderú*, ou participar do ritual de reza se este acontece. Assim, tais circunstâncias fazem da *Opy'i* um espaço coletivo, de livre acesso aos que queiram ficar ali pelo tempo que desejarem.

Portanto, conceitualmente, a Casa de Rezas "(...) parece corresponder a um *lugar* sobre a Terra capaz de concentrar a atenção dos deuses, que olhariam (*mae*) para as almas ali reunidas" (PISSOLATO, 2007, p. 381).

E mais, a concretização de uma *Opy'i* cria um espaço de manifestação de capacidades produtoras de saúde por e para todos os que dele participam, pois a reza é mais que a atividade de um rezador, já que não é uma técnica específica de cura que define a função xamânica, assim como também não o é, a posse de cantos. Sobretudo, na *Opy'i*, onde o uso de cantos-reza é prática estendida aos demais membros da comunidade indígena. Destarte, os verbos *Mbyá* "cantar" (*pora'i*) e "dançar" (*jeroky*) sempre se referem ao canto e dança ritual que ocorre no interior da *Opy'i*. Neste sentido, canto e dança, formam aí uma unidade, sempre se acompanhando simultaneamente. E, esta é a forma predominante do ritual da reza

ISBN: 978-85-7205-159-0

Mbyá, ainda que o canto e dança na *Opy'i* seja costumeiramente entremeado por falas, que podem assumir formas discursivas diversas, de maneira que rezas faladas podem compor também estas seções. Cantar (*pora'i)* é certamente uma forma importante de aquisição de capacidades existenciais para os *Mbyá* de um modo geral. E a recepção do *Mborai* (canto) *Mbyá* pode ocorrer num sonho ou durante a própria reza, no primeiro caso dizem os *Mbyá* que quem ouve num sonho o *Mborai* não deve esquecê-lo ao acordar e o quanto antes deve executá-lo na *Opy'i.* Mas, que na verdade, é a execução repetida do mesmo canto durante as sessões de reza que faz daquele que o canta seu dono reconhecido e torna o próprio canto conhecido o suficiente para o seu acompanhamento. Além disso, cantar (*pora'i*) é também um lugar particularmente valorizado da atividade dos xamãs. Não só o canto tem grande valor, mas também a cura que tem lugar durante a reza-canto, feita na *Opy'i*, com a utilização do *Petynguá* e abundância de tabaco.

Então, considerados os seus usos, passemos, portanto, às informações etnográficas propriamente ditas, e que revelam a permanência de contextos cosmológicos e culturais ancestrais dos *Mbyá*. Entretanto, de maneira nenhuma, esta permanência de uma ancestralidade cultural deve ser associada ao sinônimo de uma repetição isolada, ou a manutenção estática de determinados elementos, onde estaria ausente de forma plena, a agência autônoma e consciente da liderança que dirige tais dinâmicas, tanto quanto a sua atualização através da opção e condução que assumem. Concretizando desta maneira, todo um fluxo de recriação e ressignificações socioculturais que circunscrevem e são circunscritos pelos processos que caracterizam a construção física e simbólica da Casa de Rezas entre os *Mbyá*.

Destarte, na *Tekoá Mirim* a nova *Opy'i* que estava sendo construída, apresentava as seguintes dimensões: 10m de comprimento por 5m de largura, sendo que a frente e a parte de traz são definidas em relação ao comprimento. Ficando, a frente determinada pelo nascente solar, e, portanto, a parte de traz da *Opy'i* é determinada pelo poente. Em uma das laterais, há uma única abertura, que se trata da porta de acesso ao interior. Quanto à altura, esta foi calculada em duas situações, primeiro, a altura das paredes, que foi definida em aproximadamente 1,7m, e em outro lance, que considerava a distância em uma linha reta, entre a maior altura das paredes e o principal eixo de sustentação do telhado, que mediu aproximadamente 1,3m. Totalizando deste modo, uma altura próxima a 3m.

Pois, com relação à estrutura desta Casa de Rezas, ela se concretizou pela fixação no solo de seis toras, de diâmetro aproximado de 20cm e altura relativa àquela das paredes, ficando dispostas três delas ao longo de cada um dos lados relativos à dimensão do comprimento. Sendo cada um destes trios de toras, unidos em sua extremidade superior por outra, porém, bem mais longa, com o comprimento

ISBN: 978-85-7205-159-0

exatamente relativo ao comprimento total da Casa de Rezas. Há ainda, outras duas toras de comprimento igual às laterais, que ficam localizadas em sentido perpendicular ao comprimento, cada uma delas sobre a extremidade superior de cada um dos pares de toras fixados ao solo e que delimitam a dimensão relativa às laterais da *Opy'i*.

Já, com relação à estrutura do telhado, ela foi executada sobre cada uma das estruturas que definiam as laterais da *Opy'i*, sendo fixado um meio losango formado por duas toras com as seguintes dimensões: aproximadamente 20cm de diâmetro e comprimento igual ao das paredes, sendo que ao ser acomodado, o vértice de cada um deles permaneceu apontado para o céu. E então, cada um foi unido por uma única e longa tora, com diâmetro igual ao das demais e o comprimento da Casa de Rezas.

Cabendo aqui, o registro de algumas técnicas de construção utilizadas pelos *Mbyá*, especificamente as que se referem aos elementos estruturais da *Opy'i*, e que, tornam evidentes a grande engenhosidade e eficiência destas técnicas. Trata-se, portanto, dos procedimentos que dispensam completamente o uso de pregos ou elementos que tenham finalidade semelhante. Ao contrário, existe apenas um sofisticado sistema de encaixes que desempenha esta função. Encaixes estes, caracterizados por serem esculpidos, apenas com o uso de facões, em cada uma das extremidades das referidas toras que se encaixarão. Em uma destas extremidades é esculpida uma reentrância côncava, enquanto na outra é esculpida uma saliência convexa, que perfeitamente se conectam, constituindo deste modo, uma situação de grande estabilidade na justaposição entre estes elementos. Que, por sua vez, é completada com o uso de cipó, que é amarrado na região externa dos encaixes, envolvendo-os, de maneira que forme um "x". Material este, que também será utilizado em todas as demais junções de elementos desta construção, e, que se caracterizará como um importante coresponsável pela manutenção da estabilidade e do equilíbrio entre todos eles.

Neste sentido, a execução de tais técnicas e procedimentos culturais expressam de maneira sofisticada, um claro acúmulo de conhecimentos a respeito do ambiente ao qual se ocupa, e uma imensa capacidade de manejá-lo de forma sustentável, pois apenas algumas espécies vegetais, que reúnem as características necessárias ao uso específico que lhe será destinado é que serão coletadas, e mais, em áreas distantes umas das outras, para que seja evitado o esgotamento destes recursos.

Assim, quanto à madeira utilizada para a elaboração estrutural da *Opy'i*, ela toda era Guajuvira, derivada de grandes árvores coletadas na mata pelos *Mbyá*, que, quando questionados a respeito do porque do uso específico daquela madeira, a resposta dirigiu-se a destacar o fato da sua grande resistência a pragas, à variação climática e a passagem do tempo. Neste contexto, uma informação etnografada ao

ISBN: 978-85-7205-159-0

longo deste processo e de importante relevância, está associada ao fato de que durante as reuniões preparativas de incursão na mata para a coleta da Guajuvira, os indígenas delimitavam áreas específicas e distantes uma das outras, para que em cada uma delas, um dos grupos coletores se ocupasse dos trabalhos de corte e transporte das respectivas árvores que tinham a responsabilidade de conseguir. Portanto, o que se evidencia aí é a elevada percepção ecológica dos *Mbyá*, que sabendo da existência da relação entre a necessidade de conseguir as maiores árvores dispostas pela mata, com o fato de estas mesmas árvores serem as grandes dispersoras de sementes, responsáveis pela manutenção do ciclo reprodutivo desta espécie; passam por consequência a organizarem previamente, o processo de corte, de modo que ele ocorra em áreas bastante distante umas das outras. Ou seja, um evidente exemplo, de manejo sustentável do ambiente, que fica evidente também, no corte da Guajuvira, isto, por tratar-se de grandes árvores, que provocam ao caírem em meio à densa Mata Atlântica, a queda imediata de uma grande quantidade de árvores de variados tamanhos, que serão todas usadas para a estrutura prévia das paredes da *Opy'i.* Sendo que as selecionadas para este fim, tinham todas praticamente às mesmas dimensões, a saber, 10cm de diâmetro e a altura relativa às das paredes. Quanto às demais, eram destinadas a usos diversos, sobretudo, matéria-prima para artesanato e lenha para as fogueiras diárias.

Desta forma, passando a considerar o contexto de construção das paredes; este se caracterizou da seguinte maneira, as várias árvores que foram derrubadas pela queda das Guajuviras e que foram usadas para a construção estrutural, foram sendo fixadas no solo, lado a lado, preenchendo os espaços existentes entre as toras, tanto em relação ao sentido do comprimento, quanto ao da largura. Estas estacas estavam sendo fixadas, além de enterradas na sua extremidade inferior, também, em suas extremidades superiores, isto é, amarradas a uma das toras estruturais em cada um dos lados da *Opy'i* com o uso dos cipós. Mantendo-se apenas sem o preenchimento das estacas, a área destinada à porta de acesso ao interior.

Quanto ao processo de construção do telhado, se determinou a interrupção dos trabalhos, e, sob as instruções do *Xeramo'i*, esperou-se o período da próxima lua nova, para que se concretizasse a coleta das taquaras, matéria-prima esta, que se caracterizaria como o verdadeiro material a ser destinado a esta função, e que corresponderia, de fato, a forma como os ancestrais produziam os telhados de suas Casas de Rezas, diferentes, portanto, aos telhados que atualmente utilizam o sapé e outras folhas para este fim.

Assim, no momento exato, determinado pelo período compreendido pala fase de lua nova, efetivou-se o corte e coleta das taquaras no interior da mata, às margens dos córregos. Sendo previamente selecionados dois grupos para a coleta, diferenciados quanto à dimensão que possuíam em relação ao seu

ISBN: 978-85-7205-159-0

diâmetro. Assim, um dos conjuntos se limitava as taquaras de diâmetro aproximado entre 2 e 3cm. Enquanto que o outro conjunto, reunia as taquaras de diâmetro aproximado de 5 e 6cm.

Pois bem, o uso destinado às taquaras de menor diâmetro se concretizou a estruturação do telhado da *Opy'i*. Estas taquaras eram dispostas, 6 delas em cada um dos lados do telhado, de modo paralelo aos meio losangos de toras de Guajuvira que formavam as extremidades da sua estrutura. Entre cada uma, havia uma distância aproximada de 1.5m, e quanto ao comprimento de cada uma delas, este era de aproximadamente 3m. Assim, cada uma destas taquaras estava apoiada, em sua extremidade superior na tora que compõe o eixo principal do telhado, e também, próximo à extremidade inferior, sobre a tora que se sobrepõe as paredes da frente e da parte de traz da *Opy'i*, já, que previamente é calculado uma sobra que excede o limite das paredes em aproximadamente meio metro, na frente e na parte de traz.

Em seguida, no sentido paralelo ao eixo principal do telhado, seguindo a direção relativa do seu comprimento, são dispostas em cada um dos seus lados 4 taquaras, que distam entre si aproximadamente 1,5m, e possuem aproximadamente 12m de comprimento, o que significa que excedem uma distância próxima a 1m em relação a cada uma das paredes que definem a largura da Casa de Rezas. Então, as taquaras são fixadas entre si, e nas toras, em suas extremidades, com o uso dos cipós coletados para este fim. Desta maneira, tal estrutura compõe um telhado de "duas águas" constituído por quadrados paralelos e limitados pelas taquaras que os definem.

Já, com relação às taquaras de maior diâmetro, que também se destinam a serem usadas na construção do telhado da *Opy'i*, devem antecipadamente, passarem por alguns processos. Destarte, as taquaras de diâmetro aproximado de 5 a 6cm após o seu corte, são transportados em feixes de seis a oito unidades devendo permanecer de um a dois dias expostas ao "tempo".

E assim, depois do período em que passaram "aguardando", as taquaras foram submetidas à ação de uma ferramenta confeccionada pelos próprios construtores *Mbyá*. Tratava-se de uma estaca de madeira (Guajuvira) de aproximadamente 50cm de comprimento e não mais que 8cm de diâmetro, sendo que estas proporções foram atingidas pelo fato de que a referida estaca fora esculpida como auxílio de um facão, para que assumisse a configuração de um cilindro, e que em sua extensão, de uma à outra extremidade, fosse levemente sendo "desbastado", para que a extremidade que serviria de empunhadura estivesse pelo menos com 3cm menores, ao que se refere ao diâmetro da extremidade oposta, que teria a finalidade de servir como elemento golpeador.

Assim, cada uma daquelas taquaras foi levada a uma espécie de plataforma, improvisada sobre uma grande rocha que se encontra próxima ao local da construção da Casa de Rezas, e que passou a

ISBN: 978-85-7205-159-0

assumir então a função de uma bigorna, para apoiar as taquaras, que passavam a ser "cirurgicamente" golpeadas apenas em cada um de seus nós ao longo da extensão. Os golpes aplicados tinham a função de abri-los, o que providenciou que água existente no interior das taquaras fosse toda extraída, além de prepará-las para a etapa seguinte de sua manipulação. Etapa esta, que se caracterizou pelo processo em que de uma extremidade à outra, cada uma das taquaras era "aberta" em seu sentido longitudinal, transformando então a sua forma anterior semelhante a um cilindro, em uma espécie de "cinto" muito flexível, que depois seria dobrado ao meio, adquirindo a forma semelhante a um grande "V".

Então, cada um daqueles "grandes V", passou a ser, um a um, encaixados exatamente no seu vértice nas taquaras de menor diâmetro e que estavam dispostas na estrutura do telhado no sentido relativo ao seu comprimento. Desta maneira, se iniciando pela taquara mais próxima a parede, cada uma das quatro taquaras que definiam a estrutura longitudinal do telhado, eram uma após a outra completamente preenchida por aquelas outras taquaras que haviam sido dobradas. E, para cada nova taquara a ser preenchida com uma nova camada se encaixando sobre ela, a extremidade dos "V" ia se estendendo até a metade da camada anterior das taquaras dobradas. Ou seja, por toda a extensão da superfície do telhado, em cada uma de suas águas, se concretizava no mínimo, uma cobertura com quatro camadas de grandes taquaras; pois se sobrepunham minimamente, duas camadas de taquaras dobradas, e cada uma delas era constituída por duas extremidades relativas ao grande "V" que cada uma das taquaras dobradas formava.

Portanto, deste modo, se impede a total penetração de água, mesmo em grandes tempestades de verão. Não devendo ser esquecida a particularidade, de que esta *Opy'i* foi construída na região litorânea de uma zona climática tropical, na Serra do Mar, cujo elevado índice pluviométrico é uma das suas principais características.

Assim, a construção da Casa de Rezas da *Tekoá Mirim*, além de expressar o domínio de peculiaridades quanto às referências socioculturais ancestrais, também, deixa bastante evidente o elevado grau de sofisticação ao que se refere à adaptabilidade desta população ao contexto ambiental que ocupa, além da sua versatilidade ao manejar os recursos ecológicos que tem disponibilizado neste mesmo ambiente, podendo ser exemplificadas, pelo fato, de que mesmo o telhado da *Opy'i* se caracterizando como uma barreira praticamente intransponível, àquilo que se refere a sua impermeabilidade em relação à chuva, tal cobertura, não poderia ser superada naquilo que se refere ao relacionamento que estabelece com as condições climáticas da região onde se localiza, principalmente quando tais condições se referem

ISBN: 978-85-7205-159-0

às elevadas temperaturas atingidas por estes domínios climáticos. Já, que garante a perfeita e plena circulação do ar entre o interior e o exterior, o que garante a sua total ventilação.

Neste sentido, concluído o trabalho de construção do telhado da Casa de Rezas, toda a ênfase passou a ser concentrada na etapa final deste processo, isto é, o barreamento das suas paredes. Assim, primeiramente, foram separadas seis taquaras dentre aquelas já cortadas e coletadas, e que possuíam diâmetro próximo a 3cm e o comprimento igual ao comprimento total da Casa de Rezas, ou seja, 10m aproximadamente. Então, para a parede da frente da *Opy'i*, assim como para a da parte de traz, em seu lado externo, quanto interno, a uma distância aproximada de 50cm entre uma e outra, foram fixadas, com a utilização de cipó, nas estacas que constituíam as paredes. Da mesma forma, este processo se repetiu para cada uma das paredes que constituíam as laterais da Casa de Rezas, repetindo-se o número de taquaras a ser fixadas, no lado interno assim como no externo de cada uma delas, porém, com a dimensão relativa ao comprimento destas paredes, ou seja, 5m aproximadamente.

Portanto, a etapa seguinte se caracterizou pela "fabricação" do barro propriamente dito, que derivou da mistura de água com a terra vermelha que compõe o solo da serra, de forma que grandes quantidades de terra eram revolvidas com o uso de enxadas, para então ser misturada com os pés, à água jogada sobre ela. Então, esta composição argilosa era, com as próprias mãos, arremessada sobre as estacas que constituíam as paredes da *Opy'i*, assim, cada uma daquelas taquaras dispostas sobre as estacas que formavam as paredes, tinham a finalidade de servirem como elemento de sustentação para as camadas de barro que depositavam umas sobre as outras, mas estando cada uma delas apoiada sobre as referidas taquaras, o que impedia que o barro escorresse antes de estar completamente seco, e, portanto fixo sobre as estacas da parede.

Destarte, terminado os trabalhos de construção das paredes, se apresentava mais um exemplo do domínio e da adaptação dos *Mbyá* em relação ao ambiente que ocupam, pois, o contexto climático criado no interior da *Opy'i* está em perfeito diálogo com as condições climáticas e sistemas ambientais existentes em relação ao seu exterior. Pois, no verão, quando no litoral tropical úmido os dias se caracterizam por uma elevada temperatura, as paredes de pau a pique, se caracterizam como uma barreira natural, por conta do barro, ao calor externo, ao mesmo tempo conservando a umidade do seu interior. O que causa então, internamente à *Opy'i*, um microclima de qualidade impressionante quanto à agradável temperatura interna que se mantém. E, por sua vez, no inverno, ocorre imediatamente o contrário, ou seja, quando os dias são bastante frios nas altitudes da serra, no interior a temperatura se mantém bastante agradável, isso devido

ISBN: 978-85-7205-159-0

ao isolamento térmico que as paredes barreadas realizam, conservando a temperatura interna sempre maior que a externa.

3 Construções políticas *Mbyá Guarani* derivadas da construção da *Opy'i* na *Tekoá Mirim.*

Desta maneira, os procedimentos de construção da *Opy'i* na *Tekoá Mirim*, especificamente àqueles que se tornaram evidentes na elaboração do seu telhado, além de se caracterizarem como a expressão de um sofisticado domínio técnico, e, portanto, de domínio do conjunto sociocultural e cosmológico da cultura *Mbyá*, já que remetem a um período histórico de ancestralidade deste povo; ele também se constitui como um contexto de articulação política, um marcador de diferenças, quanto às aproximações e os distanciamentos políticos estabelecidos entre as relações que se concretizam entre a *Tekoá Mirim* e as demais aldeias *Mbyá* que se encontram ao seu redor. O que não significa, por isso, que as relações entre estes grupos passariam a estarem comprometidas, ao contrário, com o estabelecimento da *Tekoá Mirim*, todas as dinâmicas socioculturais de deslocamentos e mobilidade entre os indivíduos de aldeias distintas, manifesta-se e se reproduz segundo a tradição. Ou seja, as constantes e mútuas visitas entre os habitantes das aldeias vizinhas à *Tekoá Mirim* e vice-versa, mantêm-se normalmente. E mais, quando se veem frente a problemas que compreendem a oposição da sociedade envolvente em relação a qualquer uma das aldeias Guarani que se encontram em proximidade física no litoral sul paulista, imediatamente, todas elas assumem uma posição de unicidade para a defesa da mesma. Reafirmando assim, a identidade comum a todos eles, de serem Guarani, indígenas, portanto, que lutam pelo reconhecimento e acessibilidade à especificidade dos seus direitos, legalmente reconhecidos pela Constituição Federal de 1988.

Entretanto, ao que se refere ao relacionamento entre as aldeias do litoral sul de São Paulo, principalmente, aquelas localizadas em São Vicente, Mongaguá, Itanhaém e Pariquera-açú, a construção do telhado da casa de rezas da *Tekoá Mirim*, tal qual se concretizara, passou a assumir um caráter de elemento cultural comunicador, que expressa o entendimento próprio que os *Mbyá* da *Tekoá Mirim* assumem sobre si em relação aos seus parentes das demais aldeias que se localizam em regiões circunvizinhas. Ou seja, segundo os dados etnográficos que foram coletados a partir das conversas com o *Xeramo'i Karaí Mirim* que era naquele momento, o detentor dos conhecimentos relativos às técnicas e aos procedimentos de construção da nova *Opy'i* na *Tekoá Mirim*, a configuração que o telhado passaria a assumir, mediante aos procedimentos e técnicas a serem utilizados na sua confecção, expressariam a maneira com que os "verdadeiros" *Mbyá* realizavam tal processo de construção. E mais ainda, já que

ISBN: 978-85-7205-159-0

além da criação de um contexto de distinção étnico cultural, os procedimentos e técnicas de construção do telhado da sua nova *Opy'i*, ao estar concluído, expressaria também a opção e as preferências para a concretização das articulações políticas a se concretizarem entre eles e outras *Tekoá Mbyá*, que não aquelas que imediatamente, os circunscrevem. Tratando-se estas, portanto, das aldeias *Mbyá* localizadas ao norte da Argentina, local de nascimento do *Xeramo'i Karaí Mirim* e onde ainda hoje mantém estreito relacionamento com os seus parentes, seja pelo fato de que algumas de suas filhas encontram-se casadas naquela localidade, ou pela situação de que regularmente o *Xeramo'i* o visita com a sua família; mas principalmente, devido a ter se concretizado um deslocamento do *Xeramo'i* à região mencionada, não para uma visita regular, mas sim, para que fosse trazido por ele até a *Tekoá Mirim*, um de seus genros (Martim), que segundo o xamã, apesar dos seus conhecimentos necessários à construção do telhado, apenas Martim é que saberia executá-los.

Assim, como há muito já consta na literatura antropológica, e havia sido destacado por Lévi-Strauss (1982), pode-se notar no contexto acima destacado, a existência de um fluxo de trocas de conhecimentos ("bens" subjetivos) e indivíduos, para o estabelecimento de alianças. A estruturação de um processo consciente de articulação seletiva para o estabelecimento de determinados conjuntos de relações políticas, em detrimento de outras.

Deste modo, a exposição dos registros etnográficos e as suas consequentes análises que se seguiram, àquilo que se referem ao processo de construção da nova *Opy'i*, levado a cabo pelos *Mbyá* na *Tekoá Mirim*, podem contribuir perfeitamente para que este contexto seja compreendido como uma clara analogia em relação a outros importantes processos de construção que a referida população indígena está desenvolvendo em seu contexto cotidiano de relações diretamente estabelecidas com a sociedade envolvente, mas, sobretudo, com as esferas políticas representativas do Estado, sejam elas, constituídas em suas esferas municipais, estaduais e federais.

Como, por exemplo, as articulações, que parte das lideranças da aldeia, isto é, o cacique *Karaí Ñee re* e alguns homens realizavam junto a Câmara Municipal de Praia Grande, para que passasse a estar ampliado o potencial de pressão que os representantes da *Tekoá Mirim*, viessem a executar sobre o Poder Executivo Municipal, em específico sobre a Secretaria Municipal de Saúde, no sentido que os seus direitos constitucionais que garantem o pleno atendimento dos serviços municipais de saúde a todos os cidadãos, fossem efetivamente garantidos quanto à sua acessibilidade.

Portanto, de maneira diferente à passividade conformista, que infelizmente, caracteriza a maioria da população brasileira quando esta se depara frente à ineficiência do Estado, os *Mbyá* da *Tekoá Mirim* se

ISBN: 978-85-7205-159-0

mobilizam, assumindo-se portadores de agência diante da necessidade de enfrentarem situações de mitigação junto aos órgãos representativos do Estado, sobretudo, quando a inoperância deste passa a comprometer diretamente às suas condições de vida.

Outro exemplo de processo de luta que vem sendo construído pelos *Mbyá* da *Tekoá Mirim* se caracteriza pela ação das lideranças da aldeia, principalmente do cacique e dos professores, e diz respeito à pressão que estes vêm exercendo sobre uma esfera estadual de representação do poder público, a saber, a Diretoria de Educação de São Vicente, representante direta da Secretaria Estadual de Educação sobre os assuntos relativos às escolas e a educação indígena. Sendo que, a escola existente na *Tekoá Mirim* se caracteriza principalmente, pela precariedade em todos os seus aspectos, sejam eles materiais ou mesmo aqueles relacionados ao conteúdo que deve ser trabalhado pelos professores. E, portanto, é justamente em oposição a tal precariedade que se dirige a ação das lideranças *Mbyá*, que em perfeita consonância com o contexto contemporâneo de luta dos povos indígenas pela valorização de seus conhecimentos, saberes e processos educacionais próprios, elaboram a construção de projetos e propostas pedagógicas e curriculares propriamente ditas, que não apenas valorizem, mas que sejam pautados pelo "sistema pedagógico" peculiar a cultura *Mbyá.*

Entretanto, nenhum processo de luta que está contemporaneamente, sendo construído pelos *Mbyá* da *Tekoá Mirim*, é mais difícil do que aquele que se refere ao enfrentamento à morosidade característica aos processos legais de reconhecimento, homologação e demarcação da referida TI. Dificuldade esta, que se concretiza, sobretudo, pelo fato de que o objetivo final desta luta, ou seja, a demarcação legal da TI em questão submete os *Mbyá* que lá vivem, a "*fronts*" múltiplos e simultâneos de construção desta luta.

Considerações Finais.

Desta forma, os *Mbyá* da *Tekoá Mirim* frente às necessidades, constroem estratégias de luta para enfrentar os preconceitos históricos que a sociedade envolvente mantém em relação aos povos indígenas, principalmente quando se trata da relação estabelecida entre estas populações e a posse de suas terras, preconceito este, concebido e expresso pelo senso comum através de uma errônea percepção de que há no país, "muita terra para pouco índio". Também às variadas esferas representativas do Estado, que, por sua vez, opõem-se às necessidades e aos interesses dos povos indígenas em suas instâncias municipais estaduais e mesmo federais. Haja vista especificamente, ao que se refere aos *Mbyá* da *Tekoá Mirim,* as dificuldades criadas e impostas pelo Poder Executivo Municipal de Praia Grande, tanto quanto, pelo Poder Executivo Estadual na sua ação através da Secretaria Estadual do Meio Ambiente, cuja atuação

ISBN: 978-85-7205-159-0

junto a esta comunidade indígena, imediatamente após a sua fixação em seu território ancestral, dirigiu-se sempre em sentido de dificultar e mesmo, de impedir o seu estabelecimento naquela espacialidade.

Situação esta, que se relaciona às discussões institucionais que envolvem diretamente o Poder Executivo e o Poder Legislativo federais, e indiretamente, os nefastos e, economicamente falando, vultosos interesses dos lobistas que atuam em consonância com específicos representantes daqueles poderes, que, por sua vez, pretendem alterar todo o contexto institucional, jurídico e, portanto, legal àquilo que se refere as demarcações das terras indígenas, isto por meio do Projeto de Emenda Constitucional nº215, ou simplesmente, a PEC 215. Que de maneira sumária, pretende anular as atribuições atuais do Poder Executivo Federal, que por meio das atuações da FUNAI e do Ministério da Justiça, são os responsáveis pela execução de todas as etapas relativas aos processos de reconhecimento, homologação e, por conseguinte, de demarcação das terras indígenas no país, para então transferi-las, em sua integridade, direta e unicamente, para o Poder Legislativo Federal, isto é, para o Congresso Nacional, este, composto de uma maneira extremamente fragmentada, politicamente falando, além de definir-se a partir de um caráter extremamente conservador, com a clara predominância dos interesses econômicos e, portanto, políticos, da bancada ruralista, representante do agronegócio, que assume claro, interesses e prioridades diametralmente opostas àquelas manifestadas pelos povos indígenas, principalmente, quando tais interesses se referem à propriedade e usos de terras em território nacional.

Assim, de maneira geral, a luta dos povos indígenas no Brasil pelo reconhecimento e demarcação legal de seus territórios tradicionais, e especificamente, de modo semelhante, a construção da luta dos *Mbyá* da *Tekoá Mirim*, passam a se caracterizar na contemporaneidade, como um complexo processo, cujas dificuldades se multiplicam quando se passa a considerar o cenário político institucional do país na atualidade, o que imediatamente, causa a necessidade de que múltiplos setores da sociedade civil organizada passem a reconhecer verdadeiramente, o contexto que circunscreve as problemáticas relacionadas às questões das demarcações das Terras Indígenas.

É, portanto, nesta perspectiva, que este trabalho propõe se constituir como uma colaboração, ao apresentar, a partir de evidências etnográficas e antropológicas, a ancestral relação sociocultural e cosmológica, portanto, que une o grupo indígena *Mbyá* aqui pesquisado, com o referido território autodemarcado da *Tekoá Mirim*.

Referências

AZANHA, G. & LADEIRA, M. I. **Os índios da serra do mar.** São Paulo**.** Ed. Nova Stella. 1988.

ISBN: 978-85-7205-159-0

_____ **Convenção n° 169 sobre povos indígenas e tribais.** Resolução referente à ação da OIT / Organização Internacional do Trabalho. – Brasília. OIT. 2011.

_____ **Projeto de Emenda Constitucional nº215 de 2000.** Inclui dentre as competências exclusivas do Congresso Nacional a aprovação de demarcação das terras tradicionalmente ocupadas pelos índios e a ratificação das demarcações já homologadas; estabelecendo que os critérios e procedimentos de demarcação serão regulamentados por lei. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=14562

CLASTRES, H. **A Terra Sem Mal**. (trad.) RIBEIRO, R. J. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1978.

LÉVI-STRAUSS, C. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. (Trad.) FERREIRA, M. Petrópolis. Ed. Vozes. 1982.

PISSOLATO, E. **A Duração da Pessoa:** mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani). São Paulo. Ed. UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NuTI. 2007.